

Mais de 448 mil alunos retornaram ontem às salas de aula da rede pública com calendário ajustado e promessa de mais tecnologia. Muitos não estavam com a roupa padrão da escola por causa do atraso nas entregas pelas malharias credenciadas ao governo

Pais reclamam de falta de uniforme

» ANA CAROLINA ALVES

O despertador tocou mais cedo na casa de mais de 448 mil estudantes da rede pública do Distrito Federal, que iniciaram ontem o ano letivo de 2026. O retorno ocorre em um calendário desafiador, com férias prolongados e Copa do Mundo, mas, segundo a Secretaria de Educação, os 200 dias letivos obrigatórios estão garantidos.

No Centro de Ensino Fundamental (CEF) Mangueiral, o clima era de emoção. A estudante de Ciências Contábeis Márcia Macêdo, 30 anos, acompanhou o filho Paulo Renato, de 8, agora no 3º ano do ensino fundamental. “Estamos super felizes. A estrutura da escola é maravilhosa, os professores trabalham com muito carinho. Ver essa escola pronta, com essa estrutura para as crianças, não tem agradecimento. Eu estava chorando, muito orgulhosa”, contou.

A professora Laír de Carvalho, 43, também acompanhou o primeiro dia de aula do filho, Murilo, de 11 anos. Cadeirante, ele encontrou na nova unidade uma estrutura adaptada às suas necessidades. “A expectativa é de bastante aprendizado. Meu filho tem tetraplegia, mas me senti superacolhida. Adaptaram a sala de música para ele, a turma é reduzida, ele tem monitora e o educador social já está chegando. Estou super confiante de deixá-lo aqui”, relatou.

Apesar da satisfação com a estrutura, Laír ainda aguarda a chegada do novo uniforme. “Ainda não conseguimos receber. Disseram que estavam aguardando o tecido por causa da alta demanda. Ele veio com o uniforme antigo, mas falaram que na próxima semana será resolvido”, afirmou.

A oficial de Justiça Paula Fernanda Pereira, 42, também não conseguiu comprar os uniformes para a filha Ananda, de 12. “Está bem emperrado. Disseram que o sistema está em atualização e não há previsão de normalização. Por enquanto, orientaram vir de calça jeans e camiseta”, afirmou.

Fotos: Ana Carolina Alves/CB



Mais de 448 mil alunos retornam à rede pública de ensino para o ano letivo de 2026



Secretária de Educação, Hêlvia Paranaçu aposta na ampliação de programas pedagógicos



Laír está confiante com o ano letivo, apesar de ainda não ter conseguido comprar o uniforme

Embora cerca de 200 malharias estejam habilitadas para a entrega dos uniformes escolares por meio do cartão

uniforme escolar, segundo a secretária, 50 mil cartões ainda não foram retirados. “Tem pai que não tirou o cartão. A gente está pedindo

para que procurem os pontos de entrega. É um direito do estudante”, alertou a secretária de Educação, Hêlvia Paranaçu.



Márcia Macêdo disse estar muito feliz com a estrutura da escola

O cartão é emitido pelo Banco de Brasília (BRB) no nome do responsável cadastrado na matrícula e pode ser retirado em um dos locais designados pelo banco, a ser consultado pelo site GDF Social. Cada estudante recebe R\$ 282,99 por ano, que será recarregado automaticamente todos os anos. O crédito do cartão corresponde ao CNJ padrão que dá direito à três camisetas de manga curta, duas bermudas, uma calça e um casaco.

Para o último ano da atual gestão, a Secretaria de Educação aposta na ampliação de programas pedagógicos e no uso de tecnologia em sala de aula. Estão previstas a aquisição de telas interativas e a utilização de plataformas digitais como apoio ao ensino. “A educação está sempre em movimento. O aluno pode, por exemplo, visitar o Museu do Louvre e ver como é lá dentro”, exemplificou a secretária.

Em março, deve ser lançado um programa de educação

socioemocional, com material voltado a estudantes, profissionais e famílias. A iniciativa se soma ao programa NaMoral, desenvolvido em parceria com o Ministério Público, que aborda temas ligados à integridade e à cidadania. “Vem muita coisa ao longo do ano. Estamos sempre pensando em agregar valor à prática pedagógica”, concluiu.

Por meio de nota, a Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes-DF) disse que acompanha de perto a falta de uniformes em algumas malharias credenciadas e que o problema ocorre “em virtude do novo formato”

das camisetas. A Sedes recomenda, caso o uniforme não esteja disponível no momento da compra, a empresa deve providenciá-lo, sob encomenda do pai ou responsável, em 10 dias úteis. É importante que a população denuncie à fiscalização o descumprimento deste prazo, por meio da Ouvidoria, no 162, ou pelo e-mail credencia.malharias@sedes.df.gov.br.



» Podcast do Correio | MOVIMENTO BRASÍLIA, CAPITAL DA FELICIDADE

“A cidade que não é verde morre”

» ARTUR MALDANER*

Brasília, a “capital da esperança”, cresceu, e agora é a “capital da felicidade”, defenderam Cosete Ramos e Eduardo Rui, representantes da aliança AMA Brasília, no Podcast do **Correio**. Mãe e filho, os entrevistados do programa de ontem são idealizadores de um movimento que busca apresentar a capital federal como um exemplo de felicidade no país, e apresentaram aos jornalistas Roberto Fonseca e Rafaela Peixoto a agenda de ações neste ano, que incluem o lançamento de um estudo científico, congresso e concurso de fotografia, onde a população do Distrito Federal poderá mostrar, por meio da arte, a alegria que reside na cidade.

As inscrições para o concurso *Brasília, Felicidade Por Toda Parte* vão até 28 de fevereiro, e estão abertas para fotógrafos amadores e profissionais que podem apresentar uma foto por pessoa. Os trabalhos passarão por um júri especializado e outro popular, com o prêmio de R\$ 5 mil para o 1º lugar, R\$ 3 mil para o 2º, R\$ 2 mil para o 3º e R\$ 1 mil para 10 menções honrosas. De acordo com Cosete, o objetivo é utilizar os registros em ações do movimento e firmar a cidade uma das mais felizes: “Quero preparar Brasília, e se a ONU abrir o ranking para as cidades mais felizes do mundo, vamos estar lá competindo”.

O ranking da ONU, que a entrevistada usa como meta, mostra os países do mundo com a maior Felicidade Interna Bruta (FIB), um indicador que mede parâmetros que apontam o bem-estar de uma determinada população. “A felicidade

CB/D.A Press



Escaneie o QR Code e assista ao Podcast na íntegra

é um sentimento que une aspectos individuais e coletivos, e pode ser medida por um número que deve orientar políticas públicas”, defende Cosete. Atualmente, o Brasil é o 36º país mais feliz no ranking, que terá uma nova versão publicada em 20 de março deste ano, mesmo dia em que ocorre o 2º Congresso da Felicidade de Brasília.

O evento de divulgação científica é aberto ao público, e ocorrerá no Museu Nacional da República, das 9h às 18h, com palestras de convidados

internacionais, como o Lhatu, diretor executivo do Centro de Felicidade Interna Bruta do Butão — país referência na pauta da felicidade. O encontro terá como tema a relação entre educação e felicidade, e aborda temas como a religiosidade e espiritualidade, bem-estar nas instituições públicas e palestras. “Ano passado foi um show, tinham 1.300 pessoas no museu”, conta Cosete, conselheira do evento, organizado pelo Instituto IP-CB e Ministério da Cultura.

Além disso, será lançado durante o evento um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IpeDF), que analisou a felicidade da população de Brasília, e lista quais são os hábitos que aumentam o bem-estar geral.

De acordo com a especialista, a pesquisa poderá orientar diretrizes, propostas e mudanças de urbanismo que podem contribuir para a sensação alegre na capital. As iniciativas públicas apresentadas fazem parte do projeto “O DF que a gente quer em 2040”, desenvolvido pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico, Sustentável e Estratégico do Distrito Federal (Codese-DF), que visa o desenvolvimento de uma metrópole feliz, criativa e conectada.

Cosete é uma pioneira da capital federal: chegou em Brasília no dia de sua inauguração, integrou a primeira turma do Centro de Ensino Fundamental Caseb, se formou em pedagogia e atuou no Ministério da Educação por 25 anos. Na opinião da estudiosa, o principal fator que contribui para o clima de felicidade na cidade é a alta presença de áreas verdes, realidade que não se reflete em cidades-satélites. “Uma cidade que não é verde morre, vai aos poucos se degradando, perdendo a dinâmica. O DF tem que ser coberto de verde, temos que ampliar a cobertura pela políticas”, defende.

Já Eduardo associa o valor com a fraternidade e a perfeita sintonia com o outro. “É o momento onde a alegria, que é a grande emoção da felicidade, permeia mais a nossa vida”, diz. Ele defende que a vida equilibrada pode ser aprendida e praticada, e a questão de como aprender a ser feliz é a mais essencial. Cosete adiciona que a felicidade deveria, inclusive, fazer parte do currículo das escolas do Distrito Federal, para que todos aprendam a escolher o caminho mais gratificante no dia a dia. “As pessoas não sabem ser felizes, porque ela é uma escolha. Eu

fico brava ou fico feliz? Eu dou uma bronca no meu filho ou fico feliz. Eu faço uma um discurso inflamado ou faço um discurso entusiasmado, para que aquilo se realize. Veja, você

tem escolha todos os dias, todas as horas”, afirma a pioneira.

***Estagiário sob supervisão de Márcia Machado**

Pietro de Souza Felix
Escola Classe 08, Guará II

Educação

Mais de 800 mil alunos já foram beneficiados pelo Cartão Material Escolar.

Consulte o saldo do seu cartão no aplicativo BRB Social e confira as papelarias credenciadas.

GOVERNO QUE FEZ. GOVERNO QUE FAZ.